

**NA TRILHA DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS.
UM ESTUDO SOBRE OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS
E O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO**

Ileana Celeste Fernández Franzoso (UENF)

ileana.celeste@gmail.com

Milene Vargas da Silva Batista (UENF)

milenevargas@hotmail.com

Moacir dos Santos da Silva (UENF)

moacircap@gmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar os operadores argumentativos sob o olhar duma abordagem centrada no uso em contraposição à gramática tradicional. Desta forma, partimos da linguística funcional e da teoria da gramaticalização realizando uma pesquisa bibliográfica de estudos que analisam os operadores argumentativos para poder compará-los com as ocorrências presentes no *corpus: A Língua Falada na Região Norte Noroeste Fluminense*, organizado pela professora Eliana Crispim França Luquetti da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Essa amostra conta com o depoimento de informantes de diferentes grupos sociais que produziram cinco textos orais e escritos, o que nos deu a oportunidade, não somente, de fazer um levantamento da frequência em que os operadores argumentativos são utilizados por cada grupo, mas fazer também uma comparação entre os canais da fala e da escrita. Nosso trabalho teve como foco a língua falada e escrita na cidade de Itaperuna e na cidade de Campos dos Goytacazes com informantes do ensino fundamental, ensino médio, ensino superior, da EJA e do PROEJA.

Palavras-chave: Operadores argumentativos. Gramaticalização. Logo. Língua falada.

1. Introdução

Em primeiro lugar, queremos esclarecer que, dentro das diversas concepções existentes sobre a linguagem humana, partimos da concepção apontada por Koch (2004) que considera a linguagem como uma forma de ação, como um lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos. Desta forma, não podemos esquecer que as manifestações linguísticas que vamos estudar – neste caso, os operadores argumentativos – são produzidas por indivíduos concretos em situações concretas, sob determinadas condições de produção. Assim, essas manifestações acontecem, como menciona a autora, num determinado momento e lugar, em que um indivíduo se ‘apropria’ da língua, instaurando-se como ‘eu’ e, concomitantemente, instaurando o

outro como ‘tu’. Nessa enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte, há no primeiro a *intenção de influenciar* o outro de alguma maneira.

Ao interagirmos por meio da linguagem, afirma Koch, participamos de um “jogo” no qual temos objetivos a serem atingidos. Estabelecemos relações e pretendemos causar efeitos e comportamentos no nosso interlocutor de maneira a obter reações, sejam estas verbais ou não verbais. Desta forma, o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, já que orientamos nossos enunciados no sentido de determinadas conclusões em detrimento de outras. A argumentatividade, como diz Ducrot, está inscrita na própria língua e os elementos da língua que têm como função indicar a força argumentativa dos enunciados são os *operadores argumentativos*, objeto do nosso trabalho. Esses elementos têm por função indicar (mostrar) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para a qual apontam. Tradicionalmente os operadores têm recebido pouca atenção dos livros didáticos de língua portuguesa e das gramáticas que os descrevem como meros elementos de relação. O principal objetivo deste artigo é fazer um levantamento do elemento *logo* no *corpus A Língua Falada na Região Norte Noroeste Fluminense*, organizado pela professora Eliana Crispim França Luquetti da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF).

2. Na trilha dos operadores argumentativos

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade que não constitui apenas algo acrescentado ao uso linguístico, mas que está inscrita na própria língua. Ao observarmos como os falantes de uma língua vão encadeando seus enunciados, direcionando os argumentos com determinada orientação discursiva, fortalecendo ou enfraquecendo determinado argumento de maneira a conduzir seu interlocutor para certos tipos de conclusão, vemos que o ato de argumentar é inerente à linguagem. Assim, ao interagirmos, montamos o discurso envolvendo as intenções em modos de dizer cuja ação discursiva, diz Marcuschi, se realiza nos diversos atos argumentativos construídos na tríade do *falar*, *dizer* e *mostrar*. Com o intuito de aprofundar-nos na tese de que a função básica da linguagem é argumentar, seguimos a trilha percorrida por Koch que, por sua vez, fundamenta-se nas pesquisas realizadas por O. Ducrot, entre outros.

O trabalho do linguista francês, Oswald Ducrot, relativo à teoria da argumentação tem exercido grande influência nos estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil na área da semântica, na linguística textual ou análise do discurso. Considerado por Koch como criador da semântica argumentativa ou semântica da enunciação, foi ele que cunhou o termo *operadores argumentativos* para designar certos elementos da gramática de uma língua que tem por função indicar a força argumentativa dos enunciados e a direção para a qual apontam. Ducrot utiliza duas noções básicas para explicar o funcionamento dos operadores argumentativos: as de *escala argumentativa* e *classe argumentativa*. A classe argumentativa é constituída por um conjunto de enunciados que podem servir de argumento para uma mesma conclusão. Quando dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão, tem-se uma escala argumentativa. No seu livro, *A interação pela linguagem*, a pesquisadora Ingedore Villaça Koch elenca os principais tipos de operadores argumentativos que passamos a dispor na seguinte tabela:

A	Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão:	<i>Até, mesmo, até mesmo, inclusive.</i>
B	Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão:	<i>E, também, ainda, nem, não só... mas também, tanto... como, além de..., além disso..., a par de... etc.</i>
C	Operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores:	<i>Portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, consequentemente etc.</i>
D	Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas:	<i>Ou, ou então, quer... quer, seja... seja etc.</i>
E	Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão:	<i>Mais que, menos que, tão... como etc.</i>
F	Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior:	<i>Porque, que, já que, pois etc.</i>
G	Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias:	<i>Mas (porém, contudo, todavia, no entanto etc.), embora (ainda que, posto que, apesar de (que) etc.).</i>
H	Operadores que tem por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos:	<i>Já, ainda, agora etc.</i>
I	Operadores que se distribuem em escalas opostas:	<i>Um pouco e pouco.</i>

Muitas vezes os operadores argumentativos são tratados pelas gramáticas tradicionais como elementos meramente relacionais – conectivos como *mas, porém, embora, já que, pois* etc. – e outras vezes trata-

dos como vocábulos que não se enquadram em nenhuma classe gramatical. A este respeito a autora diz:

O que é importante ressaltar, mais uma vez, é que todos esses operadores fazem parte da gramática da língua. Mas, como é fácil verificar, (...) têm recebido pouca atenção nos livros didáticos e nas aulas de língua portuguesa, já que pertencem às *classes gramaticais invariáveis* (advérbios, preposições, conjunções, locuções adverbiais, prepositivas, conjuntivas) ou então, são palavras que, de acordo com a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), não foram incluídas em nenhuma das dez classes gramaticais, merecendo, assim, “classificação à parte” (em várias gramáticas, são denominadas *palavras denotativas ou denotadores* de inclusão, de exclusão, de retificação etc.). Acontece, porém, que são justamente essas “palavrinhas” (tradicionalmente descritas como “meros elementos de relação, destituídas de qualquer conteúdo semântico”) as responsáveis, em grande parte, pela força argumentativa de nossos textos. (KOCH, 2004, p. 40)

Constatamos as afirmações da autora ao lermos a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha, na qual o próprio autor, lançando mão de diversas notas de rodapé adverte sobre a necessidade de reexaminar diversos conceitos entre eles o de advérbio que reúne, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Numa das notas, menciona “certas palavras” imprópriamente enquadradas entre os advérbios que passa a denominar provisoriamente de *palavras denotativas*, embora reconheça que ‘denotar’ é próprio das unidades lexicais em geral. As palavras denotativas, segundo essa gramática, denotam: a) inclusão: até, inclusive, mesmo, também etc.; b) exclusão: apenas, salvo, senão, só, somente etc.; c) designação: eis; d) realce: cá, lá, é que, só etc.; e) retificação: aliás, ou antes, isto é, ou melhor etc.; f) situação: afinal, agora, então, mas etc. (CUNHA, 2008, p. 566)

Na *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara encontramos também, em caráter de observação, menção aos *denotadores* que, na proposta de José Oiticica teriam sido chamados de *palavras denotativas*, entre as quais insere as de: 1) inclusão: também, até, mesmo etc.; 2) exclusão: só, somente, salvo, senão, apenas etc.; 3) situação: mas, então, pois etc.; 4) retificação: aliás, melhor, isto é, ou antes etc.; 5) designação: eis; 6) realce: é que etc.; 7) expletivo: lá, só, ora, que etc.; 8) explicação: a saber, por exemplo, isto é etc. (BECHARA, 2009, p. 291-292). Consultando essas duas obras verificamos que os operadores argumentativos têm sido relegados a um segundo plano pelas gramáticas tradicionais.

3. A teoria da gramaticalização e os operadores argumentativos

A linguística funcional concebe a linguagem como um instrumento de interação social, seu interesse vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. Desta forma, procura explicar as regularidades presentes no uso interativo da língua sem perder de vista as condições discursivas em que se verifica esse uso. Segundo nos explicam Cunha, Costa e Cezario (2003), para a abordagem funcionalista a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, já que, são os usos da língua que, ao longo do tempo, dão forma ao sistema. Por este motivo, a linguística funcional se debruça, sobre os processos de regularização do uso da língua que se evidenciam nos fenômenos de *gramaticalização* e *discursivização*. Nas palavras dos autores:

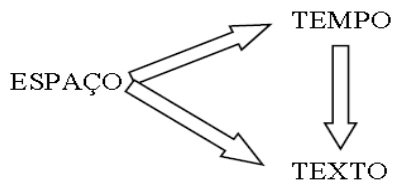
Esses processos manifestam o aspecto não-estático da gramática, demonstrando que as línguas estão em constante mudança em consequência da incessante criação de novas expressões e de novos arranjos na ordenação vocabular. A compreensão é a de que, do ponto de vista de sua evolução, a gramática está num contínuo fazer-se (...). (CUNHA, COSTA & CEZARIO, 2003, p. 50)

Assim, dizem os autores, o termo *discurso* está relacionado às estratégias utilizadas pelos falantes para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação comunicativa. O discurso é, por um lado, o ponto de partida para a gramática e por outro lado também seu ponto de chegada. Observam que quando um determinado fenômeno discursivo, em decorrência da frequência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. Da mesma forma, quando algum fenômeno que se encontrava na gramática passa a ter comportamentos não previsíveis, sai da gramática e retorna ao discurso. Em outras palavras podemos dizer que, com a repetição, o uso se regulariza e se converte em norma, entrando na gramática. Alguns teóricos funcionalistas propõem que essa trajetória de gramaticalização se manifesta da passagem do concreto para o abstrato, outros problematizam esse princípio da unidirecionalidade *concreto* > *abstrato*.

Martelotta, em seu estudo *Gramaticalização em operadores argumentativos*, demonstra que a partir do paradigma de gramaticalização é possível explicar os diferentes usos dos operadores argumentativos, os quais define como elementos que além de desempenhar funções de caráter basicamente gramatical, dão uma orientação argumentativa. Segundo as suas funções, os organiza em três grupos: a) os operadores argumenta-

tivos que fazem alusão a dados do texto já mencionados ou por mencionar, funcionando como elementos anafóricos ou catafóricos; b) os operadores argumentativos que ligam partes do texto, dando-lhes uma orientação lógica; e c) aqueles que operam estratégias argumentativas, chamando a atenção do ouvinte para elas.

Propõe, nesse estudo, que os diferentes usos dos operadores argumentativos provem de um processo de gramaticalização *espaço* > (*tempo*) > *texto*, de circunstanciadores espaciais, que passam metaforicamente a ser usados para representar relações entre pontos do texto, que é construído, de modo analógico, com as mesmas características espaciotemporais da realidade física. Esse percurso de gramaticalização, diz Martelotta, foi elaborado entre outros por Heine que apresenta um modelo diferente de escala para o processo + *concreto* > - *concreto*:



Desta forma, a expressão de dados espaciais é mais básica e mais concreta que a expressão de dados temporais, que, por sua vez, é mais básica e mais concreta que as relações textuais. Conforme explica Martelotta, existem, no texto, elementos de organização interna, que são provenientes da gramaticalização de dados espaciais, que podem, ou não, seguindo um processo escalar de abstração, expressar intermediariamente noções temporais.

4. A língua falada e escrita na Região Norte-Noroeste Fluminense

Nosso trabalho teve como fonte o corpus *A Língua Falada e Escrita na Região Norte-Noroeste Fluminense* organizado pela professora Eliana Crispim França Luquetti da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e realizado pelo Núcleo Linguagem e Educação. Esse documento está composto por depoimentos de 143 informantes, sendo 77 da região Noroeste e 66 da região Norte Fluminense que produziram cinco tipos distintos de textos orais e escritos.

Os pesquisadores realizaram entrevistas a informantes de diferentes grupos como: Educação de Jovens e Adultos (EJA), ensino fundamental I e II, ensino médio, ensino superior e PROEJA. Trata-se de uma valiosa amostra da língua falada e escrita em situação real de uso na cidade de Itaperuna e região noroeste-fluminense, bem como na cidade de Campos dos Goytacazes (região norte-fluminense).

5. A trajetória do elemento *logo*

Para ilustrar o modelo desenvolvido por Heine, em que o processo de gramaticalização dos operadores argumentativos se dá por uma transferência do contexto situacional externo para o contexto discursivo interno: espaço > tempo > texto, Martelotta analisa a mudança de sentido que ocorre com o elemento *logo*. Para isso, apresenta três exemplos que mostram sentidos diferentes: a) *logo* com valor espacial; b) *logo* com valor temporal; e c) *logo* com valor argumentativo. Seguindo seus passos, procuramos analisar de que maneira o elemento *logo* está presente na língua falada e escrita do Norte-Noroeste Fluminense.

Na análise do nosso corpus encontramos 60 (sessenta) ocorrências do elemento *logo*. É importante salientar que dessas sessenta ocorrências deixaremos uma fora da análise por interpretarmos que a informante não teve intenção de utilizar esse elemento. No momento da fala acontece um truncamento e a informante se corrige mostrando que ao invés do elemento *logo* o que queria dizer era *só*. Vejamos a ocorrência:

Ex.: 1:

E: bom Heloísa... como você acha que deveria ser o ensino de língua materna?

I: bom... eu acho que o ensino da língua materna... vai muito além da escola... acho que desde a família... a gente deve ensinar a criança a se comportar... e após isso... o português... não deve ser falado só com regras:... tem uma didática que você não/que deve levar além da escola... e:... contudo... levar a criança a entender... assimilar e... levar pra outros crianças... o que aprende... que hoje em dia é tudo muito mecânico:... que você aprende na escola e já tá falando errado... do outro lado... e não é assim... então levar de uma forma diferente... o ensino... você levar a criança... a aprender... sem ela nem perceber que tá aprendendo... aprender brincando:... aprender de uma forma criativa:... e eu acho que assim/que [muitas vezes não acontece... né?...] muitas vezes não acontece... eu acho que assim deveria ser o ensino... dentro da escola... com todos os professores... *não logo/não só* de língua portuguesa...

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

(Trecho de narrativa do relato de opinião, informante Heloísa, professora, 26 anos, ensino superior, cidade de Campos)

Havendo feito essa esclarecimento, passamos a analisar as 59 (cinquenta e nove) ocorrências do elemento *logo*. Entre essas ocorrências encontramos 45 (quarenta e cinco) com valor temporal, 8 (oito) com valor espacial, 5 (cinco) com valor intensificador e apenas 1 (uma) com valor argumentativo. A seguir dispomos o gráfico:

■ valor temporal ■ valor espacial ■ valor intensificador ■ valor argumentativo

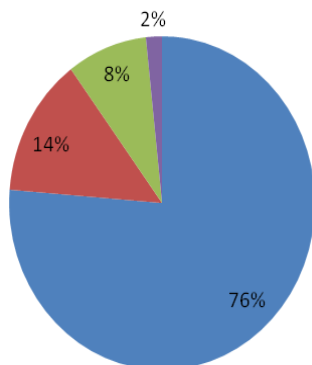


Gráfico 1 – Número de ocorrências

O uso de *logo* com valor temporal foi o mais frequente no nosso corpus. Trazemos aqui um exemplo que forma parte de uma narrativa recontada:

Ex.: 2:

... *logo* no primeiro/no na primeira consulta o médico falou pra ela que aquilo ali era/poderia ser um tumor... e indicou ela pra um lugar é... um hospital para verificar se fosse um tumor maligno ou então benigno e lá (assim) deu que era um câncer... né? e então tivemos que acompanhar isso tudo e junto com ela... e ela ainda moça... nova... sofreu muito com isso... ficou muito abalada... chegou até desmaiar e tal e começou o tratamento... e *logo* em seguida o médico pediu que ela:: retirasse todos o/a/os dentes né? porque poderia (até) o tumor passar para os dentes e assim ela fez... tirou aqueles/os dentes e continuou o tratamento e *logo* depois também ele pediu que :: fosse cortado um pedaço do maxilar porque poderia atingir então o osso e com isso ela começou então a ficar muito assim:: é:: debilitada sobre a doença e muito carente e...

(Trecho de narrativa recontada, Manoel, artista plástico, 37 anos, ensino médio, cidade de Itaperuna)

O valor espacial do elemento encontra-se já na sua etimologia. *Logo* provem do latim *locus, i*, que quer dizer 'lugar, posição, local, posto'. Com este valor encontramos em nosso corpus oito ocorrências. Algumas delas se encontram no exemplo a seguir que forma parte de um relato oral de procedimento:

Ex.: 3:

... a cidade de Parati... quando a gente descer... a gente vai pegar porque é tem a cidade histórica... tem a cidade um e a cidade dois... a cidade histórica... você não pode ir de carro... a gente vai ter que fazer a caminhada a pé ou de charrete... vou te levar até o cais... lá vai ter uma escuna... se você quiser... no caso fazer um passeio... vou te levar pra fazer o passeio e vou te contar um pouco das histórias... e nessas histórias que a gente conta... a gente conta bem histórias antigas... porque lá... antigamente... é: *logo* perto do cais... tem um:: muitas... quando você tá pegando a sua embarcação de escuna... você vai ver... *logo* assim... ao longo do:: dos morros né? morros que tinha... grandes fazendas... muitos cachaços ali... e algumas fazendas... a gente passa por perto... tem histórias... que ali tinha um:: padarias... eles faziam os escravos naquela época... pegar ... as padarias... o que eles fizeram de errado... pegavam os escravos... história... lenda... e jogavam os escravos lá dentro... então eu começava a te contar histórias assim... e *logo* descendo na embarcação... a cidade de Parati...

(Trecho do relato oral de procedimento, informante Alcione, estudante, 37 anos, ensino médio, cidade de Itaperuna)

Com a função de introduzir uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores, encontramos apenas uma ocorrência produzida por um informante do ensino superior, cujo exemplo se segue:

Ex.: 4:

Ela se levantou entrou no carro e não voltou mais lá, mas depois de tudo isso ele começou a ligar para ela só que um mal-entendido colocou tudo a perder, falaram com ele que ela estava somente interessado no seu dinheiro, *logo* ela deixou pra lá.

(Trecho de narrativa recontada, informante Fabrícia, estudante, 24 anos, ensino superior incompleto, cidade de Itaperuna)

Transcrevemos a seguir as ocorrências em que o elemento *logo* aparece com valor intensificador:

Ex.: 5:

E: táe:... você poderia me contar uma coisa então que assim... aconteceu com outra pessoa e essa pessoa contou pra você... uma amiga sua... aconteceu uma coisa engraçada com uma amiga sua e ela contou pra você?

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

I: gente que coisa chata... eu não sei fazer isso não:... uma pessoa que aconteceu alguma coisa e ela me contou... só se for de Luciana... só se for de Luciana porque ela já é engraçada ((risos)) [pode ser:]... ela contou pra mim... que eu achei engraçado... só... mais num gargalhei não... na escola dela em São/São João da Barra quando uma aluna/uma menina perguntou pra ela/como gente?... ela tava fazendo de:... de artes... aí a menina fez uma pergunta pra ela que eu não vou me recordar... aí ela foi falou assim "Ilda você imagina só... perguntar *logo* pra mim" era uma coisa assim:... relacionado/não lembro mesmo a pergunta exatamente... relacionada a algum/bem criança tá... criança de alfabetização ou criança daqueles primeiro segundo terceiro período... aí ela falou assim:: "veio perguntar *logo* pra mim"... porque ela muito danada é uma pessoa muito... né?... muito danada mesmo... perguntar *logo* pra mim:: "tia... você já viu isso assim?" num lembro mais/bem a pergunta ela falou assim "*logo* pra mim e eu nem pude dar uma aula a menina porque a meninazinha não tinha nem seis anos"... a coisa assim de momento que eu me recordo é isso...

(Narrativa recontada, língua falada, informante Ilda, mestrandia, 53 anos, Campos dos Goytacazes)

Ex.: 6:

O fato de uma aluna do pré-escolar fazer perguntas relacionadas a sexo a uma amiga coordenadora pedagógica da escola.

Onde ela relata: eu não pude ensinar nada. *logo* eu, que ajuda e conselho a todas as amigas.

(Narrativa recontada, língua escrita, informante Ilda, mestrandia, 53 anos, Campos dos Goytacazes)

Os exemplos acima fazem parte do gênero narrativa recontada, pertencem à mesma informante e estão transcritos na íntegra. A informante Ilda, é professora de matemática e ciências, tem 53 anos, é mestrandia e reside na cidade de Campos dos Goytacazes. Além de analisar o valor intensificador de *logo*, os exemplos 5 e 6 nos dão a oportunidade de tecer algumas reflexões a respeito da língua falada (exemplo 5) e da língua escrita (exemplo 6). A primeira e mais notável comparação entre os dois exemplos é a extensão de um e de outro.

Ao lermos o texto oral, o ponto que se destaca é a falta que faz a situação conversacional para compreendermos o que a professora tentou expressar. Percebemos, pela repetição, pela hesitação e pelo uso de certos adjetivos ("coisa *chata*", criança "muito *danada*"), presentes na fala da professora, que aquilo que tenta narrar causa algum desconforto ou constrangimento. A narrativa envolve uma amiga da informante, Luciana, a qual é descrita como muita engraçada. Ela teve de enfrentar uma situação inusitada: uma aluna muito jovem fez alguma pergunta que a deixou desconcertada. Provavelmente, pudésemos deduzir que a pergunta da crian-

ça estaria relacionada com a temática sexual o que teria tomado a Luciana de surpresa pela pouca idade da aluna, menos de seis anos. Mas, é somente na escrita, que essa suspeita que temos ao ler a transcrição do texto oral se confirma. Certamente, sua interlocutora entendeu o que a professora estava falando devido à situação conversacional. A esse respeito, Rodrigues (2003, p. 21) afirma que todo evento de fala acontece num contexto situacional específico, o ambiente extralinguístico. Na transcrição perdemos informações relativas ao processo de interação, como expressão facial, gestos, olhares, movimentos do corpo que, combinados com o que é verbalizado, completam o quadro da interação.

Outro aspecto a ser apontado com relação ao subgênero narrativa recontada é a ocorrência de diálogos sob a forma de discurso direto reproduzido. Como diz Preti (2004, p. 31), os diálogos sob a forma de discurso direto reproduzido são bastante frequentes nas narrativas do tipo reprodução. Segundo o autor, se trata de um recurso que atomiza os fatos narrados, “refazendo” falas que o narrador teria pronunciado ou ouvido na ocasião. O narrador se comporta como um “ator” que reproduz o que de fato ouviu. O curioso é observar que este recurso foi utilizado pela informante tanto no texto oral como no texto escrito.

Na oralidade o elemento *logo* foi mais frequente com 35 (trinta e cinco) ocorrências e na parte escrita com 24 (vinte e quatro) ocorrências como mostra o gráfico a seguir:

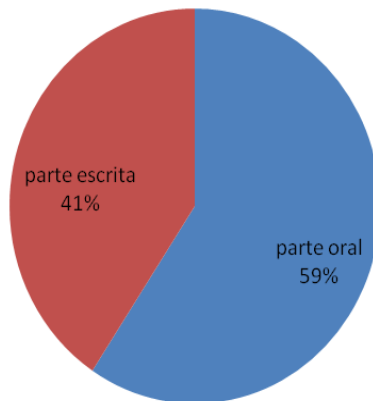


Gráfico 2 – Parte oral / Parte escrita

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Tendo como ponto de análise a frequência do operador *logo* em cada subgênero, encontramos os seguintes valores: a) na narrativa de experiência pessoal aconteceram 22 (vinte e duas) ocorrências; b) na narrativa recontada aconteceram 13 (treze) ocorrências; c) na descrição de local aconteceram 4 (quatro) ocorrências; d) no relato de procedimento aconteceram 15 (quinze) ocorrências; e) no relato de opinião 5 (cinco) ocorrências. Os dados estão expressos no gráfico a seguir:

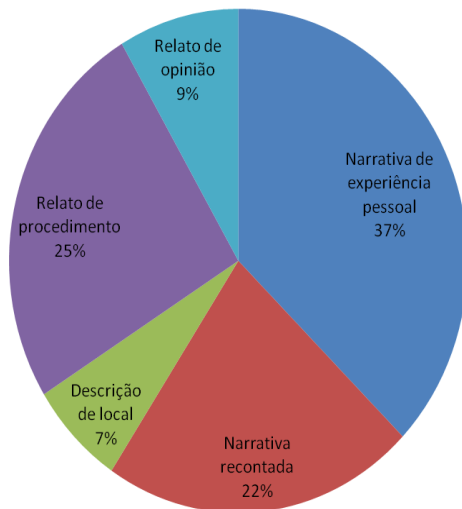


Gráfico 3 – Subgêneros

6. Considerações finais

Comprovamos no nosso corpus que o uso mais frequente do *logo* se deu com valor temporal, representando 76% do total de ocorrências. Em segundo lugar em número de ocorrências está o uso do *logo* com valor espacial, totalizando 8 (oito) ocorrências, o que representa 14 % das ocorrências. Com o valor intensificador próprio dos advérbios, houve 5 (cinco) ocorrências, todas em um único informante, o que representa 8%. O uso do elemento *logo* com o valor argumentativo para introduzir uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores ocorreu apenas uma vez, 2%.

Dentro dos subgêneros, os mais produtivos foram as narrativas com 59%. O relato de procedimento representou o 25% das ocorrências, o relato de opinião representou o 9% e a descrição de local foi o menos produtivo, representando 7 % das ocorrências. Como era de se esperar, na descrição de local todas as ocorrências do elemento *logo* se deram com o valor espacial. O elemento *logo* foi mais frequente na oralidade com 59% das ocorrências.

No caminho que trilhamos na análise do elemento *logo* observamos na prática o processo de gramaticalização e quais as diferentes funções desempenhadas por esse elemento no discurso. Ficou claro que a língua passa sempre por mudanças e é modificada pelos seus falantes que ao interagir produzem diferentes efeitos de sentido os quais, na maioria das vezes, não são contemplados nas gramáticas tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LUQUETTI, Eliana Crispim França. (Org.). *A língua falada e escrita na Região Norte-Noroeste Fluminense*. Campos dos Goytacazes: Eduenf, 2015.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ/Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996. Disponível em:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

<http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf>. Acesso em: 03-06-2015.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino. (Org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003.